

Conto

O PESSIMISTA NOTÓRIO

Havia em seu olhar um outro olhar. Não se contentava, não se referia a quem fosse com olhos crentes. Ao revés, falava molhado umedecendo as paredes num fim de lamentações, condoídas, agonizantes.

- Eu não sei o que dizer quando vejo você. Parece que vai desabar, derreter, ninguém sabe por onde segurar.

A sua crença era péssima ordem. Refiro-me àquele pedido, aquele achincalhar desordenado, aquela indiferença ao outro, corria-lhe da boca mordaz o gosto da miséria alheia, os valores eram suplantados por desfavores, deselogios. Pimenta ácida demais.

- Esse sujeito não existe.

Caía devagarinho pela valeta, e singrava para dentro dos bueiros sem retorno.

- É que ele não se equilibrava.

Era o mundo que ia acabar; a mãe morrer, a namorada partir o bolo com o vizinho em eternas bodas; o cão fugir; ia perder o emprego; as dores na coluna voltarão; o ônibus sumiria na esquina antes que fizesse o sinal de parar; as desgraças iam acontecer uma a uma em pequenas alfinetadas.

- Isso não é pessimismo; angústia não é e nunca há de ser pessimismo.

Um suicida já havia cometido o crime umas dez vezes. O pessimista notório é limpinho e desarrumado, usa sempre calças velhas, cabelo à moda antiga, sapatos envernizados e não segura as mãos quando cumprimenta.

- É por isso que baba feito cão danado.

O Pessimista Notório esmiuça todas as obrigações e obriga-se. Depois, quando vê os direitos é tarde, já é escravo, não consegue alcançar a sua liberdade, mesmo que seja condicionada, mesmo a mais furrepa liberdade. Ele não vê, não enxerga.

- É pura doença. Gravata entalada na garganta.

A dúvida faz escolha. Opção tomada, erro ou acerto; caminho feito.

- Dá ânsia.

Um sujeito escarrado, não nascido. Anda como gosma, algo monstruoso que fervilha por aí jogando boatos, fazendo o seu interesse, bebendo da maldade o mau.

- Ele falou, com certeza: Eu faço o possível, mas o mundo me transforma.

Certo dia, de tanto lastimar-se, entrou na banheira para afogar-se.

- Ninguém fica na “banheira” por muito tempo, pode dar impedimento.

Mesmo que o juiz apitasse, naquele dia tomou uma decisão, a mais cruel.

- É claro que fezes não afunda, conseqüentemente deve continuar vivo perturbando a vida alheia.

Feito. O azarão reclama do azar só para sentir-se culpado.

- Que culpa? Quem tem culpa matou.

Não vou repetir que o Pessimista Notório está vivo.



Ilustração: Lucília Alencastro

PEDRO MOREIRA DA SILVA NETO